Prof. Fábio Wanderley Reis

Sempre que escuto o Bernardo ou converso com ele a respeito das perspectivas e dos problemas abertos pela Biotecnologia, fico com certo sentimento de urgência que por sua vez acarreta o aguçamento de um sentido de precariedade e talvez irrelevânci do trabalho dedicado a muitos dos temas que de que normalmente nos ocupamos nas ciências sociais. Mas tenho a impressão de que justamente isso pode, de uma forma algo oblíqua, tornar interessantes algumas idéias que pensei trazer para a nossa discussão, pois o que pretendo discutir tem a ver com uma questão que é certamente central para os desafios práticos que os problemas apontados pelo Bernardo suscitam: a questão de intencionalidade e causalidade no plano social e a discusão metodológica relacionada com ela. O foco que escolhi para abordar esse tema permitiria tomar como uma espécie de subtítulo para esta apresentação como "as vicissitudes do funcionalismo".

Um ponto de partida seria a oscilação que o Robert Muzil aponta em um livro de alguns anos atrás, enquanto uma tendência entre os cientistas sociais. De um lado, todas as vezes que o nível aparente dos fenômenos sugere a ocorrência de mecanismo de mão invisível, não há desígnios explícitos de ninguém sendo realizados, a explicação verdadeira aparece como consistindo em apontar algum desígnio de algum ator - portanto, em substituir por um mecanismo de mão oculta, algum desígnio tipicamente oculto, sinistro, conspiratório ou o que seja, que maneja as coisas e as faz daquela forma. Por outro lado, todas as vezes que o nível aparente sugere o mecanismo de mão oculta, digmos, de maneira ostensiva, de alguém que tem desígnios determinados e trata de realizar esses desígnios subjetivos, a verdadeira explicação aparece ao contrário mostrando como na verdade o ator é irrelevante, Napoleão é irrelevante, o que quer que seja. E os mecanismos causais, os mecanismos objetivos, de causalidade objetiva, fornecem a verdadeira explicação. Então haveria uma oscilação, uma circularidade perversa entre essas duas coisas.

O cerne da questão que abordamos aqui está posto de uma maneira muito viva com a discussão atual a respeito do enfoque da escolha racional, a teoria dos jogos, a Public Choice no caso da Ciência Política, o marxismo analítico de que se falou ontem, enfim, são diversos nomes para uma certa literatura crescente. Esta tornou-se uma indústria próspera nos últimos anos, com certas ramificações que vão sobretudo na direção do interesse prático de que isso se reveste. Afinal de contas é uma questão crucial perceber se é possível ou não agir intencionalmente e controlar, no plano da sociedade como tal, objetivos, desígnios ou ações executadas com eficácia para realizar objetivos de algum modo compartilhados que correspondem de alguma forma a interesses coletivos etc. As coisas de que o Bernardo trata demonstram isso de uma maneira especialmente dramática.

Em um nível mais modesto, pelo menos mais provinciano, digamos, temos o problema de fazer uma democracia neste país - e de como é que efetivamente se consolida a famosa democracia tão precária que está aí diante de nós, pelo menos como proposta. E uma vertente interessante desse problema tem a ver com o funcionalismo, o que estou chamando de "as vicissitudes do funcionalismo". Certamente, enquanto abordagem, o tema do funcionalismo em si já abarca os dois lados dessa questão. Há um elemento de teleologia, de intencionalidade portanto - e há por outro lado um elemento relacionado com a idéia de sistema, que aponta na direção de uma causalidade objetiva em operação, uma espécie de teleologia objetiva, de certa maneira uma fusão entre os dois aspectos, que me parece ser uma parte importante da explicação do reiterado interesse pelo funcionalismo. De repente alguém decreta que o funcionalismo morreu, está enterrado; e lá vem ele de novo com ocorrências interessantes, inclusive irônicas.

Ao se verificar o estado do debate a respeito do funcionalismo no momento atual, adotando uma perspectiva de 15, 20 anos atrás, a coisa é absolutamente surpreendente, há uma inversão total de posições. Há 15, 20 anos atrás a Sociologia, a Ciência Social mais acadêmica, era funcionalista. A

Sociologia marxista atacava sistematicamente o funcionalismo, funcionalismo era xingamento. Presentemente nós temos a Sociologia e a Ciência Social acadêmica atacando o funcionalismo e o marxismo o reivindicando de pés juntos, pelo menos alguns como Gerald Cohen, na Inglaterra, por exemplo. O que evidentemente sugere que há coisas importantes, intrigantes, complicadas, que têm a ver basicamente com a articulação, o jogo dessas duas dimensões.

Seria possível mencionar, por exemplo, o trabalho do Habermas. Na opus magnum do Habermas, Teoria da Ação Comunicativa, lá se encontra exatamente a contraposição entre o mundo vital e o sistema, a idéia de que de alguma forma o plano do mundo vital teria a ver com as orientações da ação, portanto, com uma direção intencional, ainda que obviamente comportando matizes importantes em relação a uma versão estrita da abordagem da escolha racional, porque esse intencional no Habermas vai incluir a observância de normas etc. - e não a busca estritamente instrumental de fins ou o que seja. Mas há a ênfase no lado das orientações da ação, no lado intencional, por contraste com o lado do sistema onde se trataria das conseqüências da ação, o lado portanto da operação de uma causalidade objetiva. E muito explícita e reiteradamente Habermas se propõe recuperar uma análise em termos funcionais, em conexão com a idéia de sistema, a idéia da função latente, da contribuição de um determinado item para a manutenção do sistema, de acordo com essa lógica objetiva.

Para dizer o par de coisas que pretendo dizer, as idéias que pretendo trazer em conexão com essa discussão, um ponto de partida pode ser um texto recente do Adam Przeworski - um texto que não foi publicado ainda e circulou um pouco por aí, onde ele trata dessas questões por referência ao tema do desafio de se fazer pactos constitucionais nos países da América Latina. Esta é uma problemática que estamos vivendo nos países onde supostamente haveria uma transição para a democracia, ou seja, de alguma forma estabelecer pactos que pudessem representar a viabilização da democracia como meta. Um ponto a ressaltar é que em princípio os pactos constitucionais são o

exemplo por excelência de um procedimento que envolveria intencionalidade. São o exemplo por excelência daquele lugar, daquele fórum onde supostamente a própria sociedade decide o que vai ser, como vai ser regulada a interação no futuro, um momento de reflexão, de auto-reflexão etc. No entanto o interesse que me parece existir no texto do Adam Przeworski consiste no fato de que, em função do apego a certa maneira característica de considerar o problema da intencionalidade da forma mais convencional da abordagem da escolha racional, essa literatura próspera de que tenho falado, ele é levado até mesmo a definir o pacto constitucional em termos da operação de mecanismos que redundam em mecanismos de mercado. Tais mecanismos ele os chama de self-reforcing, correspondendo à idéia de um ajustamento recíproco entre os atores dispersos uns dos outros, que seria feito espontaneamente, sem a interferência de um foco de coordenação, de um poder do Estado, e sem que fosse necessário o estabelecimento de uma barganha explícita. Inclusive associa a idéia da barganha explícita ou de um órgão coordenador com uma certa tradição latino-americana autoritária. Uma democracia real no limite prescindiria do Estado - e ela seria uma democracia que se estabeleceria com base na anuência de cada um, no limite. Supostamente isso conteria um elemento de irrealismo na medida que, de certa forma, estaria sendo dispensado exatamente o elemento de intencionalidade, já que do jogo recíproco do self-reforcing, dos mecanismos espontâneos, haveria a possibilidade de que viesse a se estabelecer uma situação passível de ser descrita como correspondendo a um pacto constitucional democrático etc. Então é uma curiosa pirueta, onde haveria uma ilustração que me parece de certa maneira dramática, caricatural quase, da oscilação entre mão oculta e mão invisível. Partindo da colocação de um problema que envolve inevitavelmente, centralmente, a idéia de intencionalidade, da mão intencional, oculta ou ostensiva, chega-se a definir o problema de tal maneira que a operação dessa mão ostensiva, dessa intencionalidade, só teria condições de sucesso na medida que se reduzisse à operação de mecanismos de mão invisível, de causalidade objetiva etc.

Há uma outra observação nesse texto do Adam Przeworski que me parece de grande interesse do ponto de vista que pretendo trazer aqui. Na caracterização das diversas situações que ele traz por referência a essa idéia de mecanismo de self-reforcing existem tanto mecanismos de natureza, digamos, boa quanto má. Haveria tanto o conflito aberto, que corresponderia a uma situação que apresenta as características de ser self-reforcing na medida que os ajustamentos recíprocos levariam a que o conflito prosperasse, aumentasse enquanto conflito, quanto por outro lado uma dinâmica que leva na direção do compromisso. Os dois processos são descritos como correspondendo ao self-reforcing, o que naturalmente - embora ele não coloque nesses termos - traz de imediato a idéia daquela contraposição velha entre o círculo virtuoso e o círculo vicioso, a idéia de um mecanismo que é espontâneo em ambos os casos e que, espontaneamente, é levado a que aquilo que o define seja crescentemente intensificado. O estudo clássico que usa a idéia do círculo vicioso é o American Dilema do Mirdall sobre as relações raciais nos Estados Unidos, o negro supostamente pobre, ignorante, que leva a que o branco tenha o preconceito. O preconceito redunda em discriminação, que redunda em manter ou intensificar a condição do negro etc. Por outro lado é possível pensar em mecanismos positivos, na idéia do compromisso nos países onde existe a tradição chamada desde algum tempo de neocorporativista, na Europa Ocidental, em que a criação de uma certa confiança inicial, em função de fatores que não é o caso tratar aqui, acaba inviabilizando um processo que enseja a possibilidade de uma convivência estável de capitalismo e democracia, de um compromisso estável.

Posto isso gostaria de trazer um outro elemento, que é a caracterização feita pelo Elster, um dos paladinos da abordagem da escolha racional. Embora ele venha passando por exames de consciência recentes que o têm levado a reexaminar certas suposições básicas, de toda forma eu queria tomar a caracterização do Elster sobre análise funcional. Como vocês sabem, Elster é talvez o autor por excelência a criticar ferozmente, intransigentemente, o funcionalismo. Não admite, não vê qualquer sentido na abordagem funcional, nega que exista uma

análise que mereça crédito entre as que se apresentam como funcionalistas. E isso está baseado numa caracterização da explicação de tipo funcional que envolve a ênfase em dois elementos: de um lado o fato de que ela destaca efeitos não intencionais, em termos da nossa dicotomia básica entre intencionalidade e aspectos de causalidade objetiva como aspectos intencionais. Na leitura que faz o Elster, função é, propriamente falando, função latente. A função manifesta é pura e simplesmente intencionalidade. Alguém quer alguma coisa e trata de fazer. Algum grupo quer, já está organizado enquanto grupo, tem condições de definir seus objetivos, de agir na realização deles, vai lá e trata de fazer. Quer dizer, a explicação propriamente funcional envolveria a idéia da função latente, da função que se refere a efeitos não intencionais. E que supostamente, além de não intencionais, são efeitos benéficos. Esta seria a segunda parte desse primeiro elemento. O segundo elemento que Elster destaca é a idéia da operação de um mecanismo de feed-back, pela qual o efeito benéfico do item que se trate, a função benéfica - o caráter benéfico da função, para simplificar a coisa -, mantém a instituição que o produz numa coletividade dada. É o fato de que existe um efeito benéfico sendo produzido por qualquer item, uma instituição de qualquer natureza, tomando a palavra no sentido mais amplo, que na explicação funcional faria com que essa instituição viesse a existir. Porque senão se trataria pura e simplesmente ou de uma explicação causal por um lado, ou de explicação intencional, no caso da função manifesta. Um dos pontos das críticas do Elster ao padrão típico da explicação funcional corresponde ao fato de que via de regra esse feed-back é apenas suposto. Não há qualquer preocupação de apresentação de evidências que mostrem essa conexão, esse feed-back loop entre função, o caráter benéfico da função e a produção do item da instituição de que se trata.

Uma questão que surge e me parece estimulante é a seguinte: Como é que se liga essa concepção da explicação funcional do Elster com a idéia da situação self-reforcing do Adam Przeworski? Vejam bem que no caso deste último autor aquelas duas condições em que se constata, seja a tendência

correspondente ao círculo virtuoso, seja a tendência correspondente ao círculo vicioso, envolvem a idéia de um mecanismo de feed-back positivo. Isto é, você tem a operação de um mecanismo tal que a informação sobre um determinado efeito reverte sobre os agentes no sentido de intensificar sua propensão a agir naquela direção. Isso tanto no caso vicioso quanto no caso virtuoso. Por contraste, a idéia do feed-back negativo envolve a idéia de algo que neutraliza aquela propensão. Quer dizer, a idéia do feed-back negativo corresponde à idéia de que, uma vez introduzida certa perturbação no estado de equilíbrio de um sistema dado, de um agente dado, de uma instituição dada, o que quer que seja, você tem mecanismos corretivos que neutralizam aquela perturbação e mantêm o equilíbrio do sistema. Então obviamente há um fator possível de confusão entre dois sentidos do positivo, o do círculo virtuoso e o mecanismo de feed-back positivo. Mas o que me parece interessante considerar é que, na literatura relacionada com o funcionalismo, a tendência sem a menor dúvida é dar ênfase à idéia do feed-back negativo, quer dizer, à operação de mecanismos que mantêm o sistema dado.

A relação entre o Estado e o Capitalismo é um exemplo muito reiterado. Seria a idéia de que o Estado opera de maneira a manter o sistema, o que significa que qualquer perturbação que o sistema sofra - e que o empurraria no sentido da transformação - é corrigida pelo Estado, neutralizada pelo Estado. Haveria um mecanismo de feed-back negativo que opera de maneira a neutralizar essa perturbação e supostamente manter o sistema capitalista. A questão é que naturalmente a lógica básica envolvida na explicação funcional é perfeitamente compatível com a idéia do mecanismo do feed-back positivo, do feed-back de reforço, quer se fale dessa lógica em termos da clássica análise do Hempton, por exemplo, ou da do Elster. No caso do Hempton seria possível indagar sobre o que faz com que a explicação funcional seja explicação. Enquanto no caso do Elster temos a indagação sobre o que faz com que a explicação funcional seja funcional, quer dizer, o elemento que dá especificidade ao funcionalismo. Seja lá como for, parece-me sem dúvida que é possível sustentar que a lógica, o modelo de ex-

plicação funcional é perfeitamente compatível com a idéia do mecanismo de feed-back positivo, de reforço etc.

Se é legítimo admitir que a função benéfica de uma instituição concorre para mantê-la - ou eventualmente para fazer com que ela exista -, é patentemente legítimo admitir que essa função benéfica concorrerá para manter todo o conjunto de elementos que tendam a reforçar a existência desse item, dessa instituição, desse sistema. Se há uma certa funcionalidade do Estado no sistema capitalista que poderia servir como explicação do fato de que o Estado exista no sistema capitalista porque é funcional para o sistema capitalista, obviamente também seria possível explicar em termos funcionais tudo aquilo que concorre para que o Estado exista com as características que ele tem, e para que ele reforce essas características. Então existe uma patente compatibilidade, não há qualquer razão para restringir o foco da análise funcional ao caso do feed-back negativo, sendo possível também o caso do feed-back positivo, num primeiro momento, se considera o feed-back positivo no sentido da coisa virtuosa, do círculo virtuoso. Se aqueles aspectos benéficos do ponto de vista do sistema, da operação de uma instituição ou o que seja, concorreriam para mantê-lo, portanto concorreriam também para produzir tudo aquilo que tenderia a reforcá-lo.

Bom, se se chega até aqui, se é possível admitir que a lógica da análise funcional é compatível não só com a idéia do feed-back negativo mas também com a do feed-back positivo virtuoso, com o círculo virtuoso, por que não com o círculo vicioso? A lógica é a mesma. Não haveria nenhuma razão em princípio, em termos da lógica, que impedisse a operação desses mecanismos atuando para ter determinado efeito em relação a um sistema dado. Um ponto importante aqui é que, naturalmente, o caráter virtuoso ou vicioso desse ou daquele item - como comportamento, instituição ou o que quer que seja - depende claramente do ponto de vista que se adote. Se tomarmos algo discutido pelo próprio Adam Przeworski no texto que tomei como referência aqui, ou seja, o caráter pantanoso (para usar uma expressão que o Vilmar tem utilizado) que distinguiria o pre-

torianismo brasileiro, as oscilações entre populismo desenfreado com a apropriação privatizante do Estado ou o que quer que seja, de um lado o clientelismo, o fisiologismo e tal, e no outro extremo o controle autoritário do Estado por parte do Exército, das forças militares em geral: essa situação, se por um lado pode ser vista como correspondendo a algo disfuncional em relação a um objetivo democrático que certos atores possam ter, que certas partes do sistema na sua complexidade possam ter, ela certamente pode ser vista como funcional do ponto de vista de outros atores, outros interesses, outros objetivos. Do ponto de vista do Estado, tomada essa coisa com a complexidade suficiente, certamente esse caráter, essa dinâmica perversa do pretorianismo merece ser descrita como correspondendo a algo que é funcional. Daí nesse aspecto o Elster teria razão, o problema fundamental do ponto de vista da explicação se reduz efetivamente a uma contraposição entre o intencional e o causal, cabendo naturalmente a ênfase no aspecto extremamente importante de que o próprio causal é conseqüência. Num processo de interação estratégica mais ou menos complicado entre atores diversos, de escolas variadas, no processo de se constituírem como atores e tudo mais, o aspecto de causalidade é conseqüência da cristalização dessa interação, que é uma interação intencional, de atores que têm objetivos e os perseguem. Isso tem alguns desdobramentos que me parecem importantes. Um aspecto a ressaltar é que são as percepções positivas ou negativas dos diferentes atores nos diferentes aspectos do seu processo de interação que levariam a que houvesse um efeito de agregação que poderia produzir círculos virtuosos (mudanças em direções vistas como favoráveis), círculos viciosos (mudanças vistas como desfavoráveis) ou equilíbrios através da operação de feed-backs negativos naquela forma clássica dos que usam esse modelo.

Na explicitação de alguns desdobramentos que isso me parece ter surge a idéia de que a lógica desenvolvida é efetivamente uma lógica que envolve essa articulação de intencionalidades dispersas e sua eventual cristalização, do fato de que, para usar uma expressão do Elster, haveria a produção de supra-intencionalidade, de causalidade supra-intencional,

aquilo que tem a ver com o institucional, com a sociedade no seu aspecto durkheimiano cristalizado, opaco etc. Portanto me parece inevitável o recurso ao elemento intencional, ao se tratar de fazer a explicação ao nível da sociedade.

Um desdobramento a partir daí é que o problema com o fucionalismo não está no fato em si de que há de recursos implícitos, a releologia e tudo mais, mas está no caráter misterioso que a explicação funcional com freqüência assume, isso é, no fato de que o feed-back loop, para usar a linguagem de Elstar, com frequência é simplesmente suposto - parte-se da constatação, por precária que seja, de que determinado item de comportamento, mecanismo atec., é benéfico para a afirmação de que portanto ele passe a existir, de que portanto esteja causalmente explicado. O desafio seria o desafio de encarar adequadamente o problema da constituição de sujeitos capazes de intencionalidade - e acho que esse desafio se coloca muito particularmente do ponto de vista de uma coletividade global, tomando isso entre aspas porque o caráter mais ou golbal, mais ou menos completo e fechado é sempre problemático, é sempre relativo, sempre precário.

Mas de toda maneira uma ramificação importante disso é que haveria um excesso, por parte da crítica ao funcionalismo, na tentativa de proscrever, impedir, cercear a possibilidade de se considerar qualquer coletividade em termos de sistema. E de portanto tratar de captar a lógica que opera nesse sistema, o que seria fundamental se se pretende ter a possibilidade de uma intencionalidade mais global, de uma racionalidade coletiva, mais abrangente. Em tese, apesar das inúmeras dificuldades práticas, técnicas etc., não haveria nenhuma dificuldade em fazer a consideração desse aspecto de sistemacidade da teleologia eventualmente envolvida nele, se a apreensão desse aspecto é feita através da consideração do jogo do elemento de intencionalidade, da interação entre atores estratégicos, entre atores que são capazes de visualizar objetivos e de buscá-los etc., e da cristalização desse jogo, dessa interação em instituições, em estruturas de poder etc. E em função disso é possível captar, apreender e falar com proveito

dessa teleologia, da lógica do sistema - e até eventualmente a linguagem funcional pode ser útil, não há razão para mitificar essa coisa da linguagem. Isso pode ser ilustrado com algo que tem sido tema freqüente do próprio Adam Przeworski e de outros que reformulam uma idéia marxista clássica, em termos da fórmula da dependência estrutural da sociedade, do Estado no capitalismo, perante o capital. Você tem certos formatos básicos, certos parâmetros, certas constrições para a interação dos atores que têm a ver com o caráter capitalista da sociedade, o qual resulta por sua vez dessas interações num momento anterior. Isso condiciona as ações dos atores. A apreensão dessa lógica é efetivamente útil no sentido de entender muito da dinâmica de uma sociedade capitalista e, muito particularmente, a articulação da dinâmica dessa sociedade capitalista, enquanto sociedade capitalista, com o aspecto mais estritamente político - a viabilidade de uma compatibilização, de uma convivência entre democracia e capitalismo, para pegar esse tema clássico.

Só um ponto para encerrar em relação especificamente à proposta da escolha racional, abordagem que assume diversas caras como a do marxismo analítico de que se falou ontem. Acho que é possível dizer duas coisas: uma destacaria o mérito, a contribuição importante dessa abordagem naquilo que se refere especificamente à ênfase, ao vigor com que ela adverte para o caráter problemático da conformação de atores coletivos capazes de intencionalidade enquanto atores coletivos; por outro lado, chamaria atenção para uma dupla deficiência nessa abordagem. A primeira teria a ver com o fato de que a ênfase na idéia de intencionalidade e de ator orientado para objetivos, em interação estratégia etc., tende pura e simplesmente a substituir a sociedade. Para usar uma expressão do próprio Adam em relação a isso, eu diria que há uma ontologia que é inaceitável. Parte-se da suposição de que estamos diante do estado da natureza, que a sociedade não existe, não existem lealdade, legalidade, não existem vínculos, ideologia, cultura, não existem gerações que são de algum forma montadas umas pelas outras. Existem apenas agentes que calculam e que interacionam estrategicamente. É o puro reino da estratégia. E a

proposta que surge é a de deduzir a sociedade a partir do puro reino da estratégia, o que evidentemente é inaceitável. E não só inaceitável, como contraditória nos próprios termos. Se se pretende definir as condições, caracterizar um comportamento como racional, não se tem como escapar de caracterizar o contexto em que essa ação se dá. E a caracterização desse contexto vai naturalmente requerer a Sociologia convencional, a Antropologia, a Ciência Política convencional etc. Não há como partir de uma pura postulação de racionalidade, de instrumentalidade, de intencionalidade estratégica etc., para chegar à caracterização, à definição do contexto. E portanto não há como avaliar o grau de racionalidade e falar conseqüentemente de racionalidade se não se tem o contexto. A outra forma típica que esse pensamento tem assumido na literatura recente, que propõe como aquela que estaria na fronteira da discussão metodológica e teórica da ciência social contemporânea, é a forma ilustrada com a pirueta de Adam Przeworski que mencionei, na qual, em nome de um postulado fundamental de racionalidade, abre-se mão da racionalidade. Muito particularmente, abre-se mão de uma adesão consequente à racionalidade que seja capaz de falar de uma racionalidade reflexiva. O que evidentemente é a verdadeira racionalidade. A pessoa é tanto mais racional quanto mais esteja consciente, inclusive daquilo que a condiciona, quanto mais seja capaz de refletir sobre si mesma. Aquela coisa do Kant de você ser livre, autônomo, racional portanto, não é só no sentido de ser capaz de realizar suas preferências, mas especialmente no sentido de ser capaz de alterar, de modificar, de ser o autor de suas próprias preferências, de ser o autor de si mesmo. Essa racionalidade reflexiva, que no caso de um problema como o problema teórico, substantivo, analítico que o Adam Przeworski enfrenta, assume a cara de um pacto constitucional, é indispensável se quisermos ter a possibilidade de considerar o problema de como se age socialmente de uma maneira racional e eventualmente com eficácia. Este é patentemente um desafio do ponto de vista de problemas como o da nossa democracia - e com muito mais razão e de uma maneira talvez mais dramática, também o são os problemas com que o Bernardo está nos assustando.